

ARTIGO - 4. AS PERSPECTIVAS DA CONSERVAÇÃO DESDE O SUL  
GLOBAL: PATRIMÔNIO PARA TODOS: DEMOCRACIA E JUSTIÇA SOCIAL /  
REFLEXÕES SOBRE PATRIMÔNIO: NARRATIVAS PLURAIS E MEMÓRIAS  
SILENCIADAS / NOVAS PERSPECTIVAS E ABORDAGENS NA GESTÃO,  
VALORIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO.

**PATRIMÔNIO DISSIDENTE: RUÍNAS, MARGENS E PERTENCIMENTOS**

*Marcus Vinícius Costa (mvcosta\_costa@hotmail.com)*

Este trabalho faz parte do resultado de duas Iniciações Científicas e um Projeto de Extensão intitulados Referências culturais e patrimoniais no Parque Natural Arqueológico Morro da Queimada em Ouro Preto: mapeamento de sistemas e técnicas construtivas das estruturas arquitetônicas, desenvolvida no âmbito do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DEARQ) da Escola de Minas da UFOP, o estudo se integra a outros trabalhos desenvolvidos na Serra de Ouro Preto de maneira interdisciplinar, por meio do Laboratório de Estudos em Arqueologia, Patrimônio e Museologia Comunitária (LAPACOM), vinculado ao DEMUL/UFOP. Aqui, tem-se como premissa pensar um patrimônio dissidente. Para isso, desloca-se o olhar da positividade monumental que, como alerta Muñoz Viñas (2005), seleciona e apaga memórias, por meio de uma ordem de discurso hegemônica, para a noção patrimonial que necessita ser compreendida como um campo vivo, em que materialidade e imaterialidade se entrelaçam por meio das experiências de pertencimento e das práticas cotidianas de memória. Dissidente é o patrimônio que resiste ao enquadramento normativo e não se impõe como espetáculo, mas se afirma como prática cotidiana, atualizada na relação entre sujeitos e território. Ouro

Preto-MG, cidade reconhecida como Patrimônio da Humanidade, ilustra essa tensão, suas igrejas, casarões e praças representam a importante narrativa monumental consagrada, exaltada e tombada, mas que, como alerta Viñas (2005), não é neutra: ao eleger o que merece ser preservado, também produz apagamentos e condena outras memórias ao esquecimento. Aqui, tem-se como objetivo torcer o olhar para o Bairro Morro da Queimada, que abriga o “Monumento Arqueológico Morro da Queimada”, outrora parque arqueológico e remete ao incêndio ordenado em 1720 durante a Sedição de Vila Rica, quando insurgências contra a ordem foram reprimidas pelo fogo. As ruínas resultantes guardam não apenas marcas materiais de antigos arraiais e da mineração do século XVIII, mas também testemunham memórias de resistência e sobreposição de tempos. Além das ruínas, no bairro destaca-se o Cruzeiro das Almas, espaço apropriado pela comunidade como praça e lugar de devoção. Durante festas religiosas, o significativo ganha significado ao ser ornamentado com papel crepom, revelando o pertencimento afetivo e identitário que os moradores estabelecem com o símbolo. Para muitos ouropretanos, o vínculo com esse cruzeiro é mais intenso do que com as igrejas e casarões do centro histórico. É nesse entrelaço que o dissidente se revela: não como recusa absoluta, mas como afirmação de outras formas de memória, de outros modos de narrar e habitar a cidade.

Palavras-chave: patrimônio dissidente; comunidade; ouro preto; morro da queimada; ruínas; cruzeiro das almas.